

Com muita dignidade e pouco reconhecimento

O processo abolicionista foi profundamente marcado pela ausência de políticas públicas voltadas para a integração das comunidades afro-descendentes. A assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 não representou a incorporação igualitária dessas pessoas na sociedade livre. Ao contrário disso, reforçou redes de desigualdade social construídas sob a ótica da dominação colonial.

Embora tenha representado a maior parte da força produtiva nas Américas, durante e depois da escravidão, a população negra trabalhadora permanece sem a justa visibilidade na história brasileira. Quando se pensa em termos de mulher negra, a situação torna-se ainda mais grave. Desde que chegaram ao Novo Mundo, as africanas e suas descendentes atuaram de modo determinante nos grandes ciclos econômicos do açúcar, do ouro e do café. Estiveram presentes nas fábricas desde o início da industrialização do país, e também foram as principais protagonistas no trabalho doméstico e na implantação do comércio ambulante. No entanto, seus afazeres foram considerados algo natural, inerente à "inferioridade racial" – um entendimento míope bem característico do sistema escravista.

Cabe ressaltar que, em nossos dias, as variantes de gênero e raça interagem de forma reveladamente discriminatória e específica, criando antigos modelos de exploração. De acordo com os dados do IBGE, as diferenças salariais entre homens e mulheres podem chegar até a 40%. Quando se inclui o quesito cor nessa comparação, observa-se que os negros e negras ocupam a base da pirâmide econômica. Essa parcela da população não é homogênea; existe nela uma hierarquia em que as mulheres negras ocupam os postos mais desvalorizados e recebem os menores salários. Assim, poderíamos afirmar que a mulher negra representa a "base da base" das estatísticas salariais no Brasil.

Além disso, essas mulheres – cercadas no direito à educação, em sua maioria – continuam a se concentrar nas funções que exigem menor índice de escolaridade, em especial, aquelas de trabalhadoras domésticas, na qual a população feminina negra gira em torno de 82% das aproximadamente cinco milhões de mulheres. No interior do país,

Formatado: Realice

Excluído: camada

Excluído: como iguais

o quadro é ainda mais complexo. Maioria no mercado de trabalho rural, as mulheres negras são as mantenedoras da colheita do sisal e do fumo, do preparo da farinha de mandioca e da quebra de cocos, entre outras atividades. Apesar de propulsoras da sobrevivência no campo e força de trabalho e vida de diferentes núcleos urbanos, suas atividades ainda são vistas como ocupações de "menor importância". Em boa parte, são as únicas provedoras de inúmeras famílias. Foram e são os pilares de sustentação econômica e social que asseguram a existência e o bem-estar de sucessivas gerações. Assim, se é verdade que "uma imagem vale mais do que mil palavras", esse espaço é reservado para o reconhecimento deste bravo e heróico, vasto e anônimo segmento feminino de nosso país.

Excluído: negro

Formatado: Realice

Bem-aventuradas as que fazem milagres

Ficção e realidade, fé e mistério, são termos que traduzem a presença das mulheres negras nas múltiplas faces do cristianismo. Muitas foram as versões para as histórias em que santificadas, visionárias e milagreas protagonizaram no importante capítulo da religiosidade brasileira.

Em 1717, três pescadores cumpriram as atividades rotineiras de pesca, no rio Paraíba do Sul. Era o mês de outubro, considerado inapropriado para essa prática. Depois de uma série de tentativas em vão, a rede foi lançada novamente e, dessa vez, foi possível sentir um peso. Quando foi puxada para terra, os pescadores notaram a presença de um pequeno objeto escuro nas malhas. Tratava-se de uma imagem sem cabeça de Nossa Senhora. Imediatamente, em outra tentativa, lançaram a rede e recuperaram a cabeça da santa. Nesse dia, ao contrário do que vinha acontecendo, tiveram pesca farta. Graças às circunstâncias da descoberta, a imagem de barro cozido foi batizada como Nossa Senhora da Conceição, a "aparecida" das águas.

Desde então o culto à santa não parou de se expandir. Em 1903, recém-inaugurada a República, Nossa Senhora da Conceição Aparecida foi oficialmente coroadada rainha e padroeira do Brasil. A inquestionável evidência do matiz escuro lhe rendeu o título de mãe negra do Brasil. Fora os dissensos que rondam essa questão, hoje a santa de cor escura é reverenciada por milhões de fiéis.

Muitas são as controvérsias que rondam a história de Anastácia. Alguns afirmam que ela nunca existiu e que sua imagem se baseia num retrato desenhado pelo pintor francês Étienne Victor Arago (1790-1855). Outros creem que sua saga se iniciou em 1740, quando, ainda no ventre da princesa africana Delminda, teria sido traficada do Congo para o Brasil no navio negreiro *Madalena*. Mesmo sem respostas precisas, Anastácia ocupa lugar privilegiado na religiosidade brasileira. Quem não conhece a imagem da escrava de olhos azuis que usa uma máscara de metal?

De acordo com a tradição oral, Anastácia era muito bonita e inteligente. Conta-se que utilizava a exímia oratória para estimular mulheres e homens escravizados a lutarem pela conquista da liberdade. Sua notável beleza teria despertado a paixão de "seu

Excluído: ícsmo

Excluído: Juntas, estas palavras

Excluído: abrem caminhos

Excluído: para

Excluído: reconstrução da

forte

Excluído: da Igreja Católica

Excluído: ,

Excluído: demonstrando sua

atuação em outras vertentes

Excluído: são

Excluído: essas

Excluído: santas

Excluído: compõem

Excluído: um

Excluído: importante

Excluído: cativo

Excluído: sociedade

Excluído: uma negra

Excluído: inocular

Excluído: escravos e escravas

senhor. Após recusar a oferta de dinheiro para deitar-se com ele, foi perseguida, torturada e obrigada a usar uma máscara de fiandres. Sua história foi redescoberta pela fé em 1968, quando a igreja do Rosário, no Rio de Janeiro, depois de montar o Museu do Negro, promoveu uma exposição sobre os maus-tratos infligidos à população escravizada. Nela se encontrava o quadro pintado por Arago. Daí em diante, muitas interpretações se construíram em torno da biografia de Anastácia, que recebeu status de milagreira. Reverenciada por quase 30 milhões de fiéis, Anastácia tem um santuário com seu nome localizado na avenida Vicente de Carvalho, número 33, no subúrbio carioca de Vaz Lobo. Lá, diariamente, são distribuídos santinhos com a famosa imagem da mulher usando a máscara de metal. Hoje Anastácia representa um misto de "santa", heroína e mártir da história afro-brasileira.

Em 1725, aos seis anos de idade, uma menina da Costa da Mina foi traficada e vendida no Rio de Janeiro. Aos 14 anos levaram-na para Minas Gerais, onde passou a viver. Um dia, ao entrar em transe, foi examinada pela Igreja Católica. Condenada como herege, a jovem recebeu bárbaros açoites que culminaram na perda de um braço. Essa é parte da história de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz, que após convencer o padre exorcista Gonçalves Lopes de sua sinceridade, voltou para o Rio de Janeiro e, na companhia de religiosas, fundou em 1754 o Recolhimento de Nossa Senhora do Bom Parto – voltado para o atendimento, em sua maioria, de mulheres pobres, negras e prostitutas. Novamente acusada de feitiçaria, Rosa foi enviada a Lisboa para ser interrogada pelo Tribunal do Santo Ofício. Seu processo, inconcluso, leva a crer que acabou morrendo nas masmorras inquisitoriais. Apesar de não ser canonizada pela Igreja Católica, Rosa Maria ganhou uma igreja com seu nome na rua da Assembleia, centro da cidade do Rio de Janeiro. Nela, sucessivas gerações mantêm acesa a devoção à esta "santa".

Outro registro comovente em que dor e fé caminharam juntas é a da mineira escravizada Maria Babuca. Grávida de nove meses, foi atrozmente espancada pelo senhor após derrubar uma gamela de angu. Expulsa da fazenda pelo feitor, seu corpo foi encontrado no mesmo local, onde, anos depois, foi construída uma gruta em sua homenagem. Em decorrência das altas taxas de mortalidade materna e infantil durante a escravidão, as gestantes – senhoras e escravas – santificaram Babuca como protetora das mulheres grávidas. Na gruta

- Excluído: pela
- Excluído: sua figura
- Formatado: Realce
- Excluído: Outra história
- Excluído: a escrava

- Excluído: de intolerância religiosa e a
- Excluído: o
- Excluído: o

- Excluído: trabalhar
- Excluído: como escrava

- Excluído: e
- Excluído: a escrava
- Excluído: da escrava

O caso foi intensamente debatido pela imprensa, e Maria sujeitou-se a uma série de exames médicos. Um deles reconheceu que seu feito com o menino Deus.

Excluído: M

No Nordeste viveu Maria Madalena do Espírito Santo Araújo, nascida em 1863. Negra, costureira e pobre, a cearense de Juazeiro do Norte ficou conhecida em 1889 pela notícia de que a hósta posta em sua boca pelo padre Cícero Romão Batista transformava-se, em diversas ocasiões, em sangue, diante dos fiéis. A informação não parou de se espalhar, e iniciou-se um movimento de romaria a Juazeiro com o intuito de ver o milagre da "santa". A beata Maria do Egito, como ficou conhecida, contou então que desde criança tinha visões e brincava

alcangadas. acendem velas, colocam flores e placas de agradecimento às graças capela em sua homenagem. Lá, todos os anos, centenas de pessoas seu corpo estava intacto. Em frente ao túmulo foi construída uma enterrada. Quando a cova de Maria José foi aberta, comprovou-se que depois de seu falecimento, dizia-se minar sangue do lugar onde fora levada para o pelourinho, morreu vítima de terríveis torturas. Anos

Excluído: uma escrava

belíssima e que vivia nas mediações de Santa Micaela. Após ser Maria José ainda reside na memória dos moradores de Cachoeira do Sul, no Rio Grande do Sul, como Santa Josefa. Conta-se que era Com origem e data de nascimento até hoje desconhecidas, a escrava de beatificação de Nhá Chica.

É também de Minas Gerais o relato de graças e milagres atribuídos a Francisca de Paula de Jesus. Carinhosamente chamada de Nhá Chica, ela nasceu filha de escrava, em 1810, no distrito de São João Del Rei. Ainda criança Francisca mudou-se para a cidade de Baependi, também em Minas Gerais, e resolveu seguir o conselho da mãe para dedicar-se à fé e à caridade. Por suas bênçãos e clarividência, a fama de santidade logo se espalhou, e a moça passou a ser conhecida como a "Santa de Baependi". Faleceu em 1895, e desde então a capela construída em sua homenagem é visitada por milhares deromeiros. Encontra-se atualmente no Vaticano o processo

Excluído: anos

Excluído: no lugar de sua morte

Excluído: construída

Há relatos de que todas as moedas ofertadas a Babuca permanecem enterradas em seu santuário, em Matosinho, Minas Gerais. devotos da escrava foi crescendo e não mais se limitava às gestantes. acompanhados de moedas. Com o passar dos tempos, o número de erguida para a "santa", faziam pedidos de sucesso no parto,

era um milagre. Contrário a essa constatação, o bispo do Ceará – dom José Joaquim Vieira – abriu um inquérito que confirmou o fato. No segundo processo, a hósta não se transformou em sangue, e o bispo iniciou uma campanha contra a beata. O caso de Maria foi oficialmente julgado pelo Santo Ofício de Roma como invenção que não merecia crédito. O povo, porém, persistiu em sua crença. O forte movimento religioso de Juazeiro do Norte ganha a cada ano mais força. Mas, com o passar dos tempos, a beata Maria do Egito foi esquecida, e o que acontecia com as hóstias passou a ser atribuído ao padre Cícero.

Nos idos de 1930, havia notícias de Manoela Maria de Jesus, uma jovem trabalhadora rural que fazia milagres no povoado mineiro de Coqueiros. Muitas eram as versões sobre Manoela. Sabe-se que entre os 16 ou 19 anos, a menina tornou-se assunto nas mais importantes revistas e jornais do país, graças aos milagres que lhe eram atribuídos. Curada da tuberculose por um anjo, este lhe avisou que era preciso fazer caridade para todos aqueles que necessitassem. No mesmo dia, a jovem iniciou seus milagres com a água que benzina e distribuía às pessoas. Sua fama começou a atravessar fronteiras. Manoela, aquela altura já conhecida como Santa Manoelina dos Coqueiros, mesmo analfabeta, recitava as orações em latim.

A atuação do Estado – receoso de que as romarias configurassem o “perigo de um novo Canudos” – e da Igreja Católica – cética sobre a santidade de Manoelina – culminou na prisão da moça durante quatro dias em Belo Horizonte. Após ser solta, Manoelina continuou realizando milagres. Vítima de anemia, faleceu em 1961, com cerca de 49 anos de idade. Até hoje seu túmulo em Crucilândia, Minas Gerais, continua a receber visitas.

△ Fé muitas vezes sobrepõe-se às controvérsias em torno da real existência de algumas dessas mulheres popularmente santificadas e continua a alimentar de paz e esperança as mentes e os corações de milhares de devotas e devotos espalhados pelos quatro cantos do Brasil.

- Excluído: Atualmente,
- Excluído: a
- Excluído: sustentada pelo sofrimento e pela devoção
- Excluído: "santas"

- Excluído: negra
- Excluído: na época,
- Excluído: benzida por suas mãos
- Excluído: d